

## "NASCIMENTO E MORTE" DE UM CONCEITO - A "MORFOFONOLOGIA" \*\*

MARIA JOÃO MARÇALO \*

Em 1929, no primeiro volume dos *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* (TCLP), Troubetsky considera a "morfofonologia" como um capítulo particular da gramática que estuda a utilização morfológica das diferenças fonológicas. No mesmo ano, no I Congresso de Filólogos Eslovacos defende a existência deste ramo da linguística, concebendo-o como elo de ligação entre a fonologia e a morfologia.

No *Projet de Terminologie Phonologique Standardisé*, publicado também nos TCLP, (vol. 4) define-se a "morfofonologia" como "la partie de la phonologie du mot traitant de la structure phonologique des morphèmes". Seria, nesta perspectiva, do âmbito da "morfofonologia" o estudo das alternâncias de fonemas no significante de um mesmo monema. No entanto, nem todas as variações do significante serão estudadas pela nova disciplina; só serão da sua competência as alterações cujo condicionamento não seja fonético. Troubetsky insiste nesta distinção entre o que designa como variantes, resultantes do contexto fónico, e alternâncias que não têm qualquer condicionamento fónico mas sim morfológico.

Na língua portuguesa observamos alguns casos que, olhados à luz da "morfo-

fonologia", poderiam exemplificar a distinção entre alternâncias e variantes. O monema 'plural' apresenta três variantes condicionadas pelo contexto fónico, o que as excluiria do estudo da "morfofonologia". A variação que se verifica em [kazazazuyš] [kazazšpetaš] e [kazazžbrâkaš] entre [z], [š] e [ž] é automaticamente determinada pelo contexto fónico: quando a palavra seguinte se inicia por vogal o monema realiza-se como fricativa alveolar sonora; realiza-se como fricativa palatal surda ou sonora quando a palavra seguinte se inicia respectivamente por consoante surda ou sonora. Estas entidades não são, pois, "morfofonológicas". Estamos na verdade perante uma neutralização, o seu estudo compete à fonologia.

Como exemplo de alternância ou de "oposição morfofonológica", na óptica de Troubetsky, poderemos referir a oposição entre [o] e [ɔ] que se verifica em certos radicais, alternância essa que associa a vogal arredondada semi-fechada [o] ao masculino singular (por ex. [porku]) e a vogal arredondada semi-aberta [ɔ] ao plural e ao feminino (por ex. [pɔrkuš], [pɔrkú]).

A "morfofonologia" só estudaria as alternâncias, vocálicas e consonânticas cujo condicionamento fosse morfológico. Trou-

\* Docente da Universidade de Évora e Colaboradora da ESEB

\*\* Comunicação apresentada, ao XVIII Colóquio Internacional de Linguística Funcional, realizado em Praga de 12 a 17 de Julho de 1991.

betskoy ilustra a sua exposição com uma alternância da língua russa, a que se observa entre [ruka] (mão) e [ručnoy] (manual). Uma entidade como k/č será um "morfo(fo)nema". No *Projet de Terminologie Phonologique Standardisé* o "morfonema" é definido como "idée complexe de tous les membres (deux ou plusieurs) d'une alternance" e o exemplo apresentado é do alemão: a alternância "geben-gab-gib". Não é muito esclarecedora esta definição e poderemos apontar-lhe o tom marcadamente psicológico que inicialmente caracterizou algumas das definições da Escola de Praga e que Troubetskoy um pouco mais tarde procura banir das suas obras.

Josef Vachek no *Dictionnaire de Linguistique de l'Ecole de Prague* refere que o termo morfo(fo)nema depois de 1939 foi usado essencialmente na acepção de "soma de fonemas alternantes num morfema", acrescentando que o termo caiu em desuso na prática linguística.

O "morfonema" apresentaria a vantagem de representar sob uma mesma forma fonemas alternantes de um mesmo morfema. Por exemplo no inglês [naɪf] "knife" e [naɪvz] "knives" poderíamos eleger {F} como representante do "morfonema". Tal procedimento conduziria à eliminação de variantes de significante na apresentação da análise linguística. {F} corresponderia a [f] no singular e [v] no plural. Para o sabermos deveria ser redigida uma regra que especificasse quando na norma se realizaria um ou outro. Tal operação não conduz a uma simplificação da análise, pois o que se verifica é uma sobrecarga no número de entidades linguísticas a considerar.

Um linguista português, Herculano de Carvalho, na sua obra *Teoria da Linguagem* considera a noção de "morfofonema" (designação em sua opinião preferível à de "morfonema") afirmada de arquifonema. Enquanto o arquifonema se situa no plano fónico o "morfofonema" refere-se ao ponto de encontro entre os planos fónico e significativo. Herculano de Carvalho considera que o morfema de plural em português é constituído por um "morfofonema" sibilante. Apesar de se verificar que as va-

riantes são condicionadas pelo contexto fónico, verifica-se também que quando no discurso a palavra é seguida por outra iniciada por vogal a sibilante se realiza [z] deixando de fechar sílaba e passando a constituir sílaba com a vogal inicial da segunda palavra. Segundo este linguista a noção de arquifonema é insuficiente para referir a alternância verificada. A entidade que nuns casos fecha uma sílaba e noutros inicia outra sílaba não pode ser considerada a mesma do ponto de vista fónico devendo sê-lo do ponto de vista do significante.

Como comprovamos há uma certa dificuldade em separar a fonologia da "morfofonologia", dificuldade essa que remonta ao nascimento da segunda. Quando Troubetskoy refere a "morfofonologia" como ponto de ligação entre a fonologia e a morfologia não deixa bem delimitadas as fronteiras de cada uma. A confusão agravava-se quando ao publicar, em 1934, a *Description Phonologique du Russe Moderne* Troubetskoy apresenta somente a parte dedicada à "morfofonologia", não chegando a ser publicado o capítulo verdadeiramente dedicado à fonologia, que seria da responsabilidade de Roman Jakobson.

Troubetskoy é levado a falar de "morfofonologia" devido a uma confusão que tem as suas raízes em dois pontos distintos. Por um lado o conceito tradicional, mas mal explicitado, de morfologia como "parte da gramática que estuda a forma das palavras" e, posteriormente, "dos morfemas". Por outro lado devido ao facto de nessa época, e na sequência do ensino de Saussure, não se ter ainda uma concepção isenta de psicologismos e rigorosamente linguística de significado e significante.

Relativamente ao primeiro aspecto, a concepção tradicional de morfologia apresenta-a em pé de igualdade e oposta à sintaxe, estudando aquela o modo como se constituem as palavras e a segunda o modo como as palavras se combinam para formar as frases. Tal articulação simplista dos factos gramaticais não agrada a todos os linguistas e algumas vozes discordantes manifestam-se contra tal concep-

ção. Saussure é uma dessas vozes discordantes, e no *Cours* (pp. 185-187) apresenta as suas reticências quanto a tal distinção. Segundo Saussure separa-se a sintaxe da morfologia alegando que a primeira tem por objecto as funções das unidades linguísticas e a segunda só encara a sua forma. Para ele tal distinção é *illusória* pois só as formas consideradas em relação à sua função se constituem como paradigmas flexionais. O que o leva a afirmar que *"formes et fonctions sont solidaires, et il est difficile, pour ne pas dire impossible, de les séparer. Linguistiquement, la morphologie n'a pas d'objet réel et autonome, elle ne peut constituer une discipline distincte de la syntaxe"* (*Cours*, p. 186). Como constatamos Saussure estava no bom caminho ao produzir tais afirmações, porém, não desenvolve a sua reflexão tão longe quanto desejável. Na nossa óptica este facto prende-se com o segundo motivo apresentado para explicar a confusão que leva Troubetskoy a falar de *"morfofonologia"* - a não definição do signficante e significado em termos linguísticos e não psicologistas. Esta definição acontece somente, na verdade, quando o conceito de dupla articulação introduzido por Martinet permite distinguir bem as unidades significativas das unidades distintivas, revelando a natureza linguística de ambas, conseqüentemente a natureza propriamente linguística do significado e do signficante. O conceito de dupla articulação (a primeira aquela em que a experiência humana se analisa em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão vocal, e a segunda articulação aquela em que a expressão vocal se articula em unidades distintivas) conduz a uma concepção da morfologia como o estudo das variantes da face signficante dos monemas.

Ao afirmar que a morfologia não pode constituir uma disciplina distinta da sintaxe, Saussure esboçava o que Martinet concretiza em 1985 na sua *Syntaxe Générale* - a consideração da morfologia como não independente da sintaxe, ou se quisermos como um capítulo preliminar ao estudo verdadeiramente importante que é o da sintaxe, uma vez que *"on ne peut pas dire*

*que tout, dans une langue, est dans sa syntaxe, mais bien que, phonologie mise à part, tout ce qui s'y trouve ne prend sa valeur qu'en fonction de l'articulation des énoncés en monèmes"* (*Syntaxe Générale*, p. 5).

À luz da teoria funcionalista a morfologia ocupa-se do estudo das variantes da face signficante dos monemas, esvaziando assim o campo de estudos da *"morfofonologia"* proposta por Troubetskoy.

As unidades de segunda articulação constituem o âmbito de estudo da fonologia. Ao passarmos à primeira articulação, as unidades com que nos deparamos já não são unidades distintivas mas sim significativas, dotadas de uma face signficante e de uma face significada. Como repetidamente tem sublinhado André Martinet, ao considerarmos a unidade signficativa o mais importante é o significado, cabendo ao signficante contribuir para o seu reconhecimento no enunciado. Este princípio tem implicações no campo da análise linguística: ao lidarmos com monemas a primeira tarefa será a sua identificação, uma vez que a delimitação ou segmentação, embora importante, nem sempre seja possível devido a fenómenos de amálgama, signficantes descontínuos, etc.

A consideração das diferentes formas do signficante de um mesmo monema será simplesmente uma etapa que nos conduz ao problema fundamental *"qui est celui de la façon dont on peut passer de la succession linéaire des monèmes à l'interprétation du message"* (A. Martinet, 1985, p. 98). Neste momento da análise a morfologia, tal como a fonologia deverão constituir etapas da descrição já ultrapassadas. A variação dos signficantes é, na óptica funcionalista, um facto de menor importância. Essas variações são *"accidentes"* irrelevantes, *"caprichos"* herdados da tradição linguística. A sua não observação no discurso, apesar de, paradoxalmente, ser de imediato assinalada por qualquer falante nativo, não impede a comunicação.

Marinet restringe deliberadamente a morfologia *"à l'examen et exposé des variations formelles auxquelles peuvent être soumis les signifiants de monèmes"* (ib., p.

100). Uma vez feito o levantamento, descrição e classificação das variações e do seu condicionamento há que delas fazer abstracção, pois, no domínio das unidades significativas o que é decisivo e pertinente é o contributo dessas unidades para a compreensão da mensagem, ou seja, o seu significado. Fazemos nossas as palavras de Martinet, que afirma que:

... pour les unités significatives, les monèmes, une fois qu'ils sont identifiés, ce qui est pertinent, c'est leur valeur signifiée. Il y a, bien entendu, plusieurs temps dans l'opération à effectuer à partir du corpus. Il y a un premier temps où il est indispensable de tenir compte de la forme parce que la forme est garante de l'existence du monème... Mais une fois le monème établi, les variantes formelles de ce monème n'ont plus aucun intérêt pour la communication. Elles représentent, au contraire, une complication inutile."

(A. Martinet, 1989, p. 34)

Concebendo a morfologia como o estudo de todas as variações dos significantes não há qualquer justificação teórica para a "morfofonologia", pois os factos que ela iria estudar são factos do âmbito da morfologia assim entendida, uma vez que respeitam ao significante.

O que é do domínio da segunda articulação deverá ser estudado pela fonologia. Quanto à primeira articulação, tudo o que respeite à variação das formas dos significantes deverá ser apresentado num capítulo próprio a ela dedicado, ou seja precisamente a morfologia, como preliminar ao estudo do que verdadeiramente interessa nas línguas, sincronicamente consideradas, isto é, a função das unidades significativas na comunicação linguística, e por isso linear, das experiências extra-linguísticas, por natureza globais.

## BIBLIOGRAFIA

- DUBOIS, J. et al., (1973), *Dictionnaire de Linguistique*, Larousse, Paris
- HERCULANO DE CARVALHO, J. G., (1984), *Teoria da Linguagem*, Coimbra Editora, vol. II
- JOLIVET, Rémi, (1979), 'Remarques sur la morphologie' au sens d'André Martinet". *Linguistique fonctionnelle*, Puf, Paris, pp. 163-173
- MARTINET, André, (1965), 'De la morphologie'. *La Linguistique*, Puf, Paris, vol. 1, pp. 15-30
- Idem, dir, (1969), *La Linguistique. Guide Alfabétique* (Tradução portuguesa *Conceitos Fundamentais da Linguística*, ed. Presença, s.d.
- Idem, (1974), 'La double articulation du langage', *La linguistique synchronique*, Puf, Paris, pp. 7-41 (a teoria da dupla articulação foi primeiramente exposta em 1949 no vol. 5 de *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*).
- Idem, (1974), 'Troubetskoy et les fondements de la phonologie - La «morphologie»', *ib.*, p. 101
- Idem, (1976), 'La présentation des unités significatives', *Mélanges à la mémoire de Mattoso Câmara*. Instituto de Assis, vol. 18
- Idem, (1985), *Syntaxe Générale*, Armand Colin, Paris
- Idem, (1989), *Fonction et dynamique des langues*, Armand Colin, Paris
- SAUSSURE, Ferdinand de, (1976), *Cours de linguistique générale*, Payot, Paris.
- TROUBETSKOY, N. S., (1929), 'Sur la morphologie', *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, vol. 1, pp. 85-88
- Idem, (1976), 'Réflexions sur la morphologie', *Principes de phonologie*, Editions Klincksieck, Paris (o original data de 1931, TCLP4)
- VACHEK, Josef, (1970), *Dictionnaire de Linguistique de l'Ecole de Prague*, Spectrum Editeurs, Utrecht/Anvers
- VÁRIOS AUTORES, (1931), 'Projet de terminologie phonologique standardisé', *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, vol. 4